

ESTUDAR RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE: PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS

Marilza de Oliveira Santos
Professora da Faculdade de Educação – Universidade do Estado de Minas Gerais
marilza101@hotmail.com

Simpósio Temático nº 15 – Divisão sexual do trabalho, relações de gênero e diversidade sexual:
desafios atuais e interlocuções com a Ciência & Tecnologia (C&T) e a Educação Profissional e
Tecnológica (EPT)

Resumo

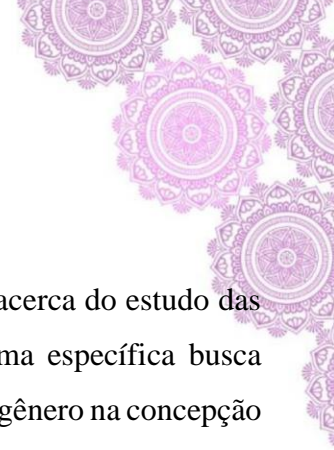
Este trabalho visa analisar as percepções de professoras universitárias acerca do estudo das relações de gênero na formação docente de um curso de Pedagogia. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo método adotado foi o estudo de caso de 10 professoras universitárias de um curso de Pedagogia de uma universidade pública de Minas Gerais. A metodologia utilizada é a análise de discurso na perspectiva da teoria de Fairclough (2001). Utiliza-se para análise os conceitos de hegemonia e ideologia. Usa-se também outros suportes teóricos como as pesquisas de Quirino (2011), Luz (2009), Hirata (2002), dentre outros. Conclui-se pela análise dos discursos que as professoras consideram de extrema relevância os estudos de relações de gênero na formação de educadores/as, a fim de que os/as futuros/as docentes possam se posicionar de forma ética, ajudando a diminuir a grande diferença de oportunidades entre gêneros e contribuindo para uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Discurso. Formação Docente.

Abstract

This work aims to analyze the perceptions of university professors about the study of gender relations in teacher education in a Pedagogy course. This a qualitative approach research whose method adopted was the case study of 10 university professors from a Pedagogy course at a public university in Minas Gerais. The methodology used is discourse analysis from the perspective of Fairclough's theory (2001). The concepts of hegemony and ideology used for analysis. It also uses other theoretical supports such as research by Quirino (2011), Luz (2009), Hirata (2002), among others. It is concluded from the analysis of the speeches that the teachers consider the studies of gender relations to be extremely relevant in the training of educators, so that future teachers can position themselves ethically, helping to reduce the great difference in opportunities between genders and contributing to a fairer society.

Keywords: Gender Relations. Discourse. Teacher Training.



Introdução

Este artigo visa refletir sobre os discursos de professoras universitárias acerca do estudo das relações de gênero na formação docente de um curso de Pedagogia. De forma específica busca analisar os discursos docentes a respeito da importância de se estudar relações de gênero na concepção das professoras universitárias. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que busca responder a seguinte problemática: as professoras universitárias consideram importante o estudo das relações de gênero no curso superior de Pedagogia? Para isso adota-se o método de estudo de caso, realizado com 10 professoras universitárias de um curso de Pedagogia de uma universidade pública de Minas Gerais. A metodologia utilizada é a análise de discurso na perspectiva crítica da teoria de Fairclough (2001). Utiliza-se para análise dos dados os conceitos de hegemonia e ideologia. Usa-se também outros suportes teóricos como as pesquisas de Quirino (2011), Luz (2009), Hirata (2002), dentre outros. Os resultados da análise mostram que as professoras consideram de extrema relevância os estudos de relações de gênero na formação de educadores/as, a fim de que os/as futuros/as docentes possam se posicionar de forma ética, ajudando a diminuir a grande diferença de oportunidades entre gêneros e contribuindo para uma sociedade mais justa.

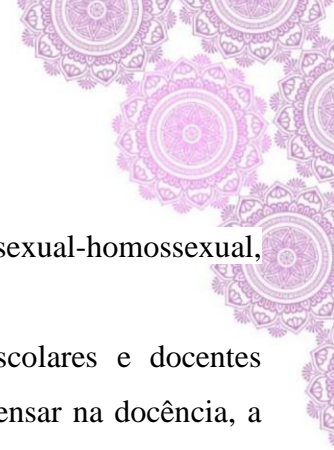
Este trabalho estrutura-se da seguinte forma: resumo, introdução, relações de gênero, percurso metodológico, análise das entrevistas, considerações finais e referências.

Relações de gênero e curso de Pedagogia

Pensar sobre as questões das relações de gênero ao longo da história, principalmente no âmbito educacional, é extremamente pertinente, considerando que os currículos escolares ainda trabalham pouco com as questões de gênero. Promover, portanto as discussões necessárias para que a temática de gênero seja contemplada na formação docente é essencial, principalmente porque a universidade tem papel fundamental nesta discussão, especificamente no que concerne a formar profissionais comprometidos com o processo de mudança social.

A partir de uma pesquisa com docentes universitárias de um curso de Pedagogia que visa analisar os discursos de professoras de uma universidade pública em Minas Gerais, o trabalho enfatiza como os discursos docentes destas professoras mostram que apesar da universidade ser o lugar essencial para tal discussão, a temática ainda é abordada de forma incipiente, principalmente porque algumas docentes não se propõem a realizá-la na prática universitária.

Consideram em seus discursos que os currículos escolares devem incluir os estudos de gênero em todos os cursos de formação docente com análise crítica de representações sexuais e de gênero produzidas pela mídia e a experimentação de novas formas de linguagem que possam desconstruir



estruturas identitárias binárias e excludentes, como homem-mulher e heterossexual-homossexual, ainda produzidas pelo discurso educacional.

Pensar nestes aspectos é considerar a importância de currículos escolares e docentes comprometidos com a discussão da temática das relações de gênero. Ao se pensar na docência, a Resolução Nº 2, de 1º de julho de 2015 (CNE/CP 2/2015) do Conselho Nacional de Educação, que define as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica”, considera, entre outros fatores,

[...] a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem entre conhecimentos científicos e culturais, nos valores éticos, políticos e estéticos inerentes ao ensinar e aprender, na socialização e construção de conhecimentos, no diálogo constante entre diferentes visões de mundo (BRASIL, 2015, p. 1).

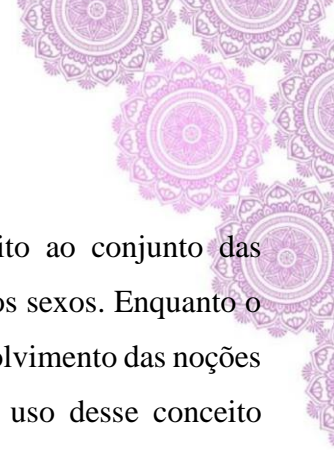
Neste sentido, considera como um dos princípios dessa formação dos profissionais do magistério o compromisso com um projeto social, político e ético que contribua para “a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, inclusiva e que promova a emancipação dos indivíduos e grupos sociais, atenta ao reconhecimento e à valorização da diversidade e, portanto, contrária a toda forma de discriminação” (BRASIL, 2015, p. 4).

A resolução atesta, ainda, em seu art. 8º que o/a egresso/a dos cursos de formação inicial em nível superior deverá estar apto a identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, “com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras”. (BRASIL, 2015, p.7).

Além disso, a resolução contempla em seu art. 14 § 2º, que os cursos de formação deverão garantir nos currículos conteúdos específicos da respectiva área de conhecimento ou interdisciplinares, seus fundamentos e metodologias. Considera que os currículos devem ainda garantir:

conteúdos relacionados aos fundamentos da educação, formação na área de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, Língua Brasileira de Sinais (Libras), educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. (BRASIL, 2015, p.12).

Nota-se, porém, que não obstante as discussões *Ideologia de Gênero* acerca da inclusão de gênero e diversidade sexual dos currículos, a legislação referente à formação docente não deixa dúvidas acerca dessa necessária formação para os/as professores/as da educação básica. Segundo os



Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) o conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais “construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino e feminino” como construção social” (PCNS. p.321-322). O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade.

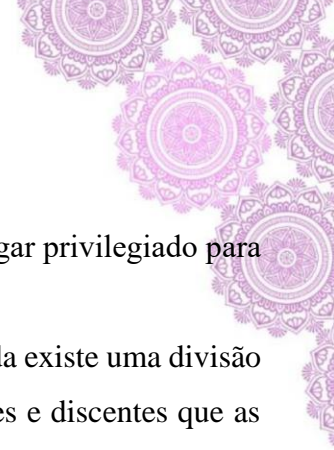
Destarte, a discussão das questões de gênero, independentemente de ideologias e verdades científicas conflitantes, durante a formação docente é essencial! É a expectativa de evidenciar os discursos de professoras universitárias do curso de Pedagogia acerca da presente temática que constitui o cerne deste artigo.

Tendo como objetivo analisar quais são os discursos docentes acerca da importância das relações de gênero na formação docente, buscou-se identificar que concepções ideológicas perpassam as representações destas professoras e, se estas podem contribuir para o respeito à diversidade na sociedade. Analisar as discussões sobre relações de gênero no trabalho universitário é essencial pois, nesse espaço escolar, da universidade, as discussões ainda são incipientes. Neste sentido, pensar essas questões implica fundamentalmente compreender gênero como uma construção social. Para além disso, é preciso também pensar sobre a violência que assola o cotidiano das mulheres na sociedade atual e coloca em pauta, todos os dias, a discriminação e opressão sofrida pelas mulheres, não só no âmbito familiar, mas no mundo do trabalho.

Se considerarmos que a participação das mulheres no mercado de trabalho tem aumentado nas últimas décadas, como aponta Luz (2009), percebe-se, no entanto, que as desigualdades de gênero ainda permanecem para as mulheres em diversos sentidos e em muitas profissões.

A escola ainda é o lugar privilegiado para a discussão das questões das relações de gênero, embora nela ainda se observe um discurso homogeneizador de uma cultura europeia, um discurso da classe dominante, do homem branco, heterossexual, como assevera Louro (1997). A escola também é, ainda, um espaço tanto de produção quanto de reprodução das hierarquias dominantes, e, perceber essas formas de dominação é fundamental para combater a discriminação contra as mulheres no mundo do trabalho. Assim, pensar sobre as questões de gênero na formação docente exige cada vez mais a qualificação dos/as professores/as para um olhar de respeito a diversidade e a ideologia que está presente em cada discurso docente.

De acordo com o teórico Bakhtin (2004) a linguagem é ideológica por natureza e, neste sentido, torna-se um instrumento de luta de vozes, de confronto ideológico, onde existe diferentes



posições. Neste sentido, mostra o autor que “toda palavra é ideológica” e é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia. (BAKHTIN, 2004, p. 122).

Em relação ao discurso social, percebe-se que em pleno século XXI, ainda existe uma divisão sexual do trabalho, reproduzido pela escola que demarca nos discursos docentes e discentes que as atividades das mulheres estão vinculadas à lógica do cuidado o que pode levar a uma “naturalização” da predominância desse pensamento, e isso é inaceitável. Ao definir a divisão sexual do trabalho as autoras Hirata e Kérigoat:

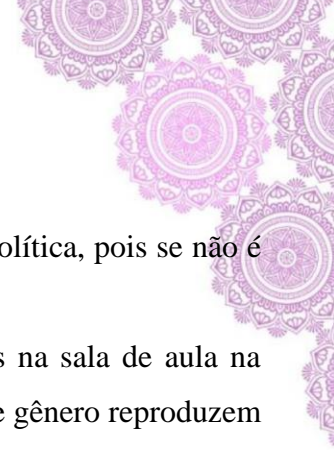
A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA E KÉRIGOAT, 2007, p. 599).

Essa divisão se efetiva, muitas vezes, conforme mostra Hirata e Kérigoat (2007), por dois princípios denominados Princípio de Separação, em que existem trabalhos de homens e mulheres, e Princípio Hierárquico, em que o trabalho dos homens tem mais valor do que o trabalho das mulheres. Conforme mostra Luz (2009, p. 153), ao citar Hirata e Kérigoat (2007), em contrapartida “pela naturalização das atribuições femininas e masculinas, remetendo a uma espécie de destino de cada um dos gêneros”. Nesse sentido, em uma perspectiva biológica, ficaria para as mulheres o cuidado com filhos e demais atividades domésticas. E isso se estende às demais tarefas em que o cuidado é exigido. Esse contexto reverbera o que Marx e Engels (1980, p. 70-71), explicaram em seu manuscrito que “[...] o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homens e mulheres na monogamia: e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo sexo masculino”.

Nessa perspectiva, é preciso questionar o caráter natural da subordinação das mulheres em nossa sociedade. Isso é o que defende Picitelli (2002, p. 9), quando considera que:

As diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas questionam o suposto caráter natural dessa subordinação. Elas sustentam, ao contrário, que essa subordinação é decorrente das maneiras como a mulher é construída socialmente. Isto é fundamental, pois a ideia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas, seria possível mudar o espaço social por elas ocupado.

Depreende-se a assertiva que a opressão da mulher não é natural, mas, ao contrário, é construída socialmente, e por isso pode ser modificado. Quirino (2011, p. 44) defende que “a questão da opressão da mulher deixa de ser do domínio da biologia e é inserida no domínio da história, da



cultura tornando possível assim vislumbrar a sua superação por meio da ação política, pois se não é algo natural, pode ser superada”.

Mas, como as discussões sobre a temática de gênero são apresentadas na sala de aula na formação docente nas diversas disciplinas? Essas discussões sobre a temática de gênero reproduzem a opressão das mulheres ou criam consciência de liberdade, de inserção social? O que dizem as professoras universitárias sobre a importância dos estudos sobre relações de gênero na formação docente?

Práticas pedagógicas voltadas para a temática de relações de gênero na formação docente

As práticas pedagógicas voltadas para o trabalho com relações de gênero, no âmbito universitário, podem ser compreendidas, conforme Fernandes (1999, p.159) enfatiza como:

(...) prática intencional de ensino e aprendizagem não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada, numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma e perspectivas interdisciplinares. (FERNANDES, 1999, p.159).

Neste sentido, para Louro (2004, p. 124), considerar as relações de gênero nas práticas pedagógicas significa “subverter os arranjos tradicionais de gênero na sala de aula: inventando formas novas de dividir os grupos para os jogos ou para os trabalhos; promovendo discussões sobre as representações encontradas nos livros didáticos ou nos jornais, revistas e filmes”, a fim de que o estudantes possam produzir textos não sexistas e não racistas, e ainda “investigando os grupos e os sujeitos ausentes nos relatos da história oficial, nos textos literários, nos “modelos” familiares; acolhendo no interior da sala de aula as culturas juvenis, especialmente em suas construções sobre gênero, sexualidade, etnia, etc.” (IDEM, p.124).

Observa-se que a discussão desta temática é fundamental na formação docente, considerando que novos profissionais precisam estar atentos e comprometidos com a discussão da diversidade no âmbito escolar, no sentido do respeito as diferenças de gênero. Neste sentido, percebe-se também que as identidades de gênero estão sendo construídas e transformadas na sociedade. Assim, é essencial que os/as educadores tenham um olhar crítico para a discussão das diferenças. Torna-se, portanto fundamental que a inclusão da temática de gênero seja efetivada nos currículos escolares, a fim de que a escola possa ser um instrumento de estudo e de valorização das diferenças, por meio de práticas diversificadas e comprometidas com o respeito.

Nas diversas práticas pedagógicas se faz necessária uma conscientização da temática. E quando se pensa em conscientização estamos tomando a concepção de Freire (1980, p. 16) quando afirma

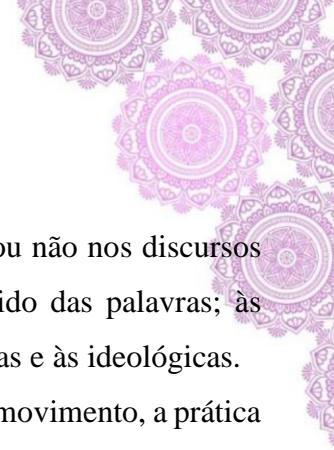
A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência de mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a “des-vela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (FREIRE, 1980, p.16)

As práticas pedagógicas evidenciam assim, os métodos, os instrumentos, os tempos, espaços e os recursos elaborados e/ou utilizados pelos/as docentes com o objetivo de mediar a construção do conhecimento por parte dos estudantes. Representam, portanto, as ações intencionais do educador que possibilitam – ou facilitam – a aprendizagem. (ZABALA, 1998). É neste sentido que é preciso pensar as questões de gênero na escola, e gênero em uma perspectiva de construção social, realizada por meio de interações interpessoais, a fim de que este pensar nos permita ver a diversidade de formas de manifesto da feminilidade e da masculinidade no contexto social.

Percurso metodológico

Esta pesquisa sustenta-se em uma abordagem qualitativa (Brown & Rodgers, 2002). Para alcançar o objetivo geral da pesquisa, que foi refletir sobre as percepções de professoras universitárias de um curso de Pedagogia sobre a importância das discussões sobre relações de gênero durante as aulas na formação docente, e, especificamente, analisar quais são as percepções docentes acerca da importância de se trabalhar com relações de gênero no contexto universitário, optamos pelo método de estudo de caso. Nesta ótica, foi realizado o estudo de caso de 10 professoras universitárias. Devido à pandemia, em 2020, os instrumentos metodológicos utilizados foram entrevistas com os/as docentes e análise, além de textos trabalhados em aula. Embora foram investigadas 10 docentes neste trabalho, a análise realizada na pesquisa limita-se a quatro docentes, nomeadas, ficticiamente, como Júlia, Clara, Lúcia e Lara.

O *corpus* constitui-se, entretanto, de um recorte na transcrição integral das entrevistas realizadas. O método usado para a análise dos dados foi a análise do discurso. Os enunciados das professoras foram analisados tomando as categorias oriundas de Fairclough (2001), que utiliza a



categoria de prática social, e dentro dela a ideologia e a hegemonia presentes ou não nos discursos docente e nos textos trabalhados, no que se refere, respectivamente, ao sentido das palavras; às pressuposições; às metáforas; às orientações econômicas, às culturais, às políticas e às ideológicas.

Na medida em que, para Orlandi (2007, p. 15), o discurso é a palavra em movimento, a prática de linguagem é uma prática que não engloba somente a representação do mundo, mas, também, uma significação do mundo, constituindo e construindo, portanto, o mundo em significado, e que, para Fairclough (2001, pp. 90-91), o discurso é “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros, como é também um modo de representação”. Desse modo, o método da análise do discurso foi fundamental para o estudo.

Investigar acerca dos discursos de professoras universitárias sobre a importância do estudo de gênero na formação docente, um problema que se mostrou relevante para uma investigação mais aprofundada, na medida em que pode desvelar em que medida esses discursos são reveladores de reprodução ou transformação social do papel das mulheres na sociedade e no mundo do trabalho.

Análise dos dados

Refletir sobre a importância do estudo das relações de gênero na formação docente implica necessariamente pensar em que medida os estudos sobre a temática podem contribuir para a equidade nas relações sociais e principalmente no mercado de trabalho no que se refere aos cargos de trabalho para as mulheres.

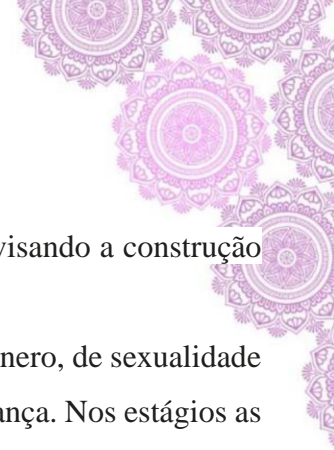
As professoras universitárias possuem graduação em Pedagogia, mestrado e doutorado em Educação. Estão na docência há mais de dez anos. Optamos por fazer um recorte para analisar os discursos de 4 das 10 docentes. Somente uma docente é negra, as demais são de cor branca e atuam na universidade pública e particular.

Ao responder a questão: você pensa que estudar relações de gênero no curso de pedagogia é importante? Por quê? As professoras consideraram que:

Júlia: Sim. Super importante. É necessário. Na escola e na sala de aula, os nossos alunos, futuros educadores, tendo maior conhecimento sobre o tema, poderão se posicionar de forma ética, ajudando a diminuir a grande diferença de oportunidades entre gêneros e contribuindo pra uma sociedade mais justa.

Lúcia: Super importante na perspectiva da diversidade e da inclusão.

Clara: Acho fundamental estes estudos, pois a Pedagogia visa formar profissionais que irão atuar prioritariamente na docência. Assim, discutir estes pontos na formação inicial é fundamental



para que o futuro professor possa levar estes aprendizados para a sala de aula, visando a construção de uma sociedade mais justa e democrática

Lara: Sim. É importante estudar no curso de Pedagogia as relações de gênero, de sexualidade pois desde a educação infantil começam a aparecer estas questões na vida da criança. Nos estágios as estudantes vivenciam situações de exposição e imposição feitas às crianças como escolha de brinquedos e brincadeiras para meninos e meninas. É impossível a escola ignorar determinadas relações de gênero. Uma tradição crítica em educação apegada a esquemas tradicionais. Devemos nos apropriar de novas categorias, como gênero, raça, etnia e geração.

Observa-se que as quatro docentes consideram a importância dos estudos de gênero para a formação dos futuros professores e professoras. Apontam, ainda que estes estudos ajudam a diminuir a grande diferença de oportunidades entre gêneros e contribuem para uma sociedade mais justa. Percebe-se que a preocupação com a equidade e com uma sociedade mais justa e inclusiva para todos aparece nos discursos das docentes. Além de uma preocupação ética com a formação dos/as estudantes no contexto universitário.

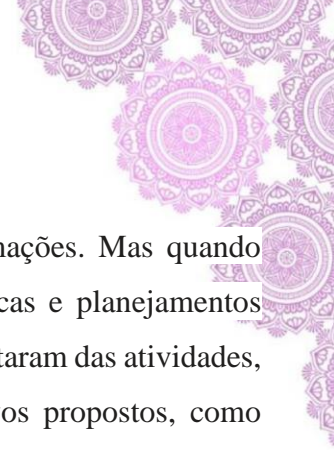
Avalia-se nesta perspectiva que ideologicamente as docentes preocupam-se com a articulação teoria-prática no âmbito de suas disciplinas, conforme mostra Fortuna (2015, p.66) ao considerar que tal articulação “é uma necessidade indispensável para a emancipação e realização humana”, no sentido de formar sujeitos críticos, capazes de entender a atividade reflexiva conectada à ação social.

No que se refere a hegemonia curricular, o que se percebe é uma busca de respeito a diversidade, o que implica em currículos escolares, no contexto universitário, que trabalhem com respeito a toda diversidade, o que inclui as questões de gênero, considerando que os currículos, materiais didáticos e as diversas linguagens são constituintes de múltiplas diferenças e desigualdades. Conforme afirma Silva (1999, p.150) “o currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder, é discurso, documento. É documento de identidade”.

Em relação à questão se trabalhou com a temática de gênero nas aulas e os resultados, as professoras destacaram que:

Júlia: Sim. Especialmente na disciplina Antropologia na qual essa temática surge como um componente do programa. Mas mesmo nas outras disciplinas sempre faço questão de pautar, pela relevância do tema em uma sociedade desigual, onde a violência é muito presente.

Lúcia: Já trabalhamos sim. Na análise de mídias, apps e interfaces digitais. Sempre bem intensos, com qualidade e muita profundidade.



Clara: Ultimamente tenho atuado mais na licenciatura de outras formações. Mas quando trabalhei na Pedagogia, desenvolvi algumas atividades de discussão de músicas e planejamentos envolvendo temáticas como as relações de gênero. Percebi que os estudantes gostaram das atividades, mas o tempo e as atividades não foram suficientes para alcançar os objetivos propostos, como comentei na primeira questão. Acho que estas temáticas deveriam fazer parte de todas as disciplinas para que realmente possam atingir os objetivos de transformação social

Lara: Em minhas aulas tenho abordado o tema, quando trabalhamos didática e currículo. Discutimos o tema inclusão de grupos minoritários, entre estes grupos estão os grupos de gênero representados por feministas, gays e lésbicas. O tema diversidade sexual também é abordado nas aulas de integração e, diante de relatos de estágios abordamos identidades sexuais e de gênero. O tema deve incluir os estudos de gênero em todos os cursos de formação docente, com análise crítica de representações sexuais e de gênero produzidas pela mídia e a experimentação de novas formas de linguagem que possam desconstruir estruturas identitárias binárias e excludentes, como homem-mulher e heterossexual-homossexual, produzidas pelo discurso educacional.

Observa- que todas as docentes trabalharam em suas disciplinas com a temática de gênero, por meio de algumas práticas pedagógicas, tais como música, discussões, dentre outras. Porém, percebe-se que o trabalho ainda é incipiente, como afirma a docente Clara ao considerar que “o tempo e as atividades não foram suficientes para alcançar os objetivos propostos”.

Relativamente ao contexto da abordagem da temática a professora Lara trabalha com a diversidade sexual além de identidades sexuais e de gênero. Busca trabalhar de forma crítica as representações sexuais e de gênero produzidas pela mídia e as novas formas de linguagens que possam “desconstruir as estruturas identitárias binárias” e excludentes, produzidas pelo discurso educacional.

Interessante que a professora Júlia afirma pautar pela relevância do tema em uma sociedade desigual onde a violência está presente. Esta ideia nos remete aos estudos de Cecchetto, Ribeiro e Oliveira (2010, p.123-124) quando consideram que:

se queremos refletir sobre os comportamentos de garotos e de garotas, e, inclusive sobre a presença da violência em suas relações, o conceito de gênero é fundamental, pois possibilita compreender a importância dos significados culturais e simbólicos atribuídos aos sexos e repensar os limites das características biológica como matriz explicativa dos comportamentos de homens e mulheres. (CECCHETTO, RIBEIRO & OLIVEIRA, 2010, p.123-124)

A universidade precisa então ser o espaço privilegiado para as discussões sobre a violência contra as mulheres que ainda impera na sociedade brasileira. É preciso lembrar ainda que a

perspectiva de gênero desenvolvida por feministas como Scott (1995) Lauretis (1987) e Judith (2003) ajuda a pensar a violência de gênero não apenas sob o olhar da dominação masculina. Observa-se que a ideologia de gênero é um dos principais motivos que fazem com que as mulheres permaneçam em situações abusivas e de violência, já que muitas entendem a dominação masculina como algo natural e não conseguem romper o ciclo de opressão e violência cotidiana. Daí ser realmente fundamental as discussões promovidas em aulas pela professora Lara, no sentido de pautar a questão da violência. Outros motivos também contribuem para a situação de violência contra a mulher, quer sejam a dependência emocional, o medo de enfrentar a vida sozinha, dentre outros.

Assim, a partir do estudo de gênero nas aulas, os estudantes vão perceber que as características específicas que são atribuídas ao homem e a mulher, e que os diferenciam, são decorrentes de cada cultura, e que muitas vezes acaba por naturalizar os papéis sociais. Descobrir que o gênero é uma construção social é fundamental para uma compreensão do papel da mulher na sociedade e da inserção em lutas feministas.

Considerações finais

A análise do trabalho discursivo possibilitou demonstrar que todas as docentes consideram fundamental o trabalho com a temáticas das relações de gênero na formação docente, no sentido de formar professores críticos e comprometidos com as discussões de gênero que devem integrar os currículos escolares.

Sendo assim, abordar temas como diversidade sexual e também identidades sexuais e de gênero na prática pedagógica de todas as disciplinas no ensino superior viabiliza reflexões acerca da violência de gênero, ainda tão presente no contexto social, e, conseqüentemente, possibilita a mudança de discurso, saindo de um discurso hegemônico para um discurso de valorização da diversidade e da equidade, no sentido de uma transformação social.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. (trad. Maria E. Galvão). 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais no método sociológico na ciência da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada*. RESOLUÇÃO CNE/CP 2, de 1 de julho de 2015.

CECCHETTO, F., RIBEIRO, FML., and OLIVEIRA, QM. Gênero, sexualidade e ‘raça’: dimensões da violência no contexto escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 121-146. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books.

FERNANDES, Cleoni. À procura da senha da vida – de-senha a aula dialógica? In: VEIGA, Ilma. *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas, Papirus, 1999.

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire. *REBES - Rev. Brasileira de Ensino Superior*, 1(2): 64-72, out.-dez. 2015 - ISSN 2447-3944.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

HIRATA, Helena; KÉRGOAT, Daniéle. Novas Configurações da divisão Sexual do Trabalho, *Caderno de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set. dez. 2007.

LIMA, Jônatas Dias Lima. *O que é “ideologia de gênero”?* 13/06/2015. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-que-e-ideologia-de-genero-0zo80gzpwbxg0qrmwp03wpp11>. Acesso em 28 outubro. 2021

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer - uma política pós-identitária para a educação*. Estudos Feministas. Ano 9(2), 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.

LUZ, Nanci Stancki. Sexualidade e Gênero na Escola. In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. *Construindo igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola*. Curitiba: UTFPR, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Grijalbo, 1977. p. 70-71.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: *Gênero nos estudos de população*. Campinas, set. 2004.

QUIRINO, Raquel. *Mineração também é lugar de mulher!* Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro. 2011. Doutorado (Tese). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerias. Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Tomaz T. da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.